

## ENTREVISTA

### O imaginário, o simbólico e a educação: Uma conversa com Nilda Teves

Jorge Felipe Columá  
FAETEC/RJ<sup>1</sup>

Simone Freitas Chaves  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ<sup>2</sup>

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE<sup>3</sup>

## APRESENTAÇÃO

A entrevista que se segue foi concedida pela Professora Nilda Teves Ferreira no dia 15 de fevereiro de 2012, em seu apartamento na cidade do Rio de Janeiro, no bairro do Méier. O registro ocorreu com o propósito de integrar um livro que reuniria conversações com diversos intelectuais atuantes no RJ, projeto que não chegou a ser concluído. Participam da conversa os Professores Simone Freitas Chaves e Jorge Felipe Fonseca Moreira, ambos orientados em suas pesquisas sobre o discurso do Imaginário Social por Nilda Teves; além do Prof. Roberto S. Kahlmeyer-Mertens, organizador do mencionado livro. Na pauta, estava a formação da entrevistada, sua relação com instituições como o Instituto Superior de Estudos Brasileiros - ISEB, seu engajamento em políticas públicas no Estado do Rio de Janeiro e sua relação com o antropólogo e

---

<sup>1</sup> E-mail: [jorgecoluma@jorgecoluma.com.br](mailto:jorgecoluma@jorgecoluma.com.br)

<sup>2</sup> E-mail: [chavessimone@terra.com.br](mailto:chavessimone@terra.com.br)

<sup>3</sup> E-mail: [kahlmeyermertens@gmail.com](mailto:kahlmeyermertens@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8572-8302>

educador Darcy Ribeiro e sua compreensão de intelectual. O texto resultante da conversa, depois de decupado, passou por criteriosa revisão da entrevistada. Após, aguardou longa e hesitantemente por sua publicação em um veículo que fizesse jus a seu teor. Diante do falecimento da autora em 17 de Janeiro de 2022, os autores do texto resolveram publicar a entrevista inédita que traz um retrato intelectual e o intuito de homenagem à educadora e filósofa Nilda Teves.

### Jorge Felipe Columá:

*Professora Nilda Teves<sup>4</sup>, observando a diversidade de seu trabalho docente e de pesquisa, nota-se a pluralidade de temas e métodos: discussões de caráter sociopolítico que, com facilidade, nos remeteriam a um diálogo com Gramsci, Marx, Foucault, e atualmente com Slavoj Žižek. Acompanha temáticas ligadas ao conhecimento que nos aproximariam de disciplinas filosóficas como a epistemologia, muito das questões da pós-modernidade da análise do discurso na perspectiva de Michel Pêcheux, de Eni Orlandi Pulcinelli, ou, mais precisamente, o discurso do imaginário... Semelhante ecletismo vemos, também, em sua formação superior: graduações em física e em pedagogia, um mestrado em filosofia das ciências, doutorado em educação... Haveria correspondência direta entre as diversidades de seu trabalho e de sua formação?*

### Nilda Teves:

Mesmo tendo formação em uma ciência exata como a física, sempre tive uma preocupação social na hora de usar este conhecimento. Eu queria usar a física para o bem comum, queria ensinar as pessoas sobre a natureza, como conciliar a natureza aos bens. A física para mim não era para fins experimentais tampouco belicistas (tanto é que, se fosse trabalhar com física atômica, eu trabalharia com “isótopos para a paz”). Por este motivo é que me inclinei a fazer um mestrado na área de filosofia das ciências, para o ensino de ciências aplicadas ao bem do povo.

### Simone Freitas Chaves:

*Onde a senhora fez seu mestrado?*

---

<sup>4</sup> Nilda Teves Ferreira, nascida no Rio de Janeiro – RJ em 1941. É Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Possui formação eclética congregando a Matemática, a Física, a Pedagogia, a Psicanálise e a Filosofia das Ciências (em nível de mestrado). Professora aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na qual foi também Superintendente de ensino da graduação. Foi Diretora Geral de ensino da Secretária de Educação, Secretária de Ciência e Tecnologia da Secretaria do Estado do Rio de Janeiro. Lecionou no Mestrado Em Educação para a Fundação Getúlio Vargas – FGV. Foi professora convidada para o Mestrado em Educação da UERJ, Professora Titular do Programa de PPGF da Universidade Gama Filho – UGF. Atuando principalmente junto aos fundamentos filosóficos da educação, à educação física e à cultura popular, Nilda Teves é reconhecida como uma das mais importantes difusoras do campo do Imaginário Social e do método da análise do discurso no Brasil. Faleceu em 17 de janeiro de 2022. Principais obras: *Cidadania, uma questão para a educação*. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. v. 1. *Representação Social e Educação*. Campinas: Papirus, 1999. *Imaginário Social e Educação*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

**NT:**

Na UFRJ, no IFCS. Lá assisti aos seminários de Eduardo Prado de Mendonça. Este professor tinha um grupo de estudos aos moldes dos franceses no qual cada aluno desenvolvia uma fração da pesquisa. Manifestei o desejo de desenvolver algo sobre Galileu, mas Galileu já estava sendo tratado por uma colega pesquisadora; foi quando o professor me apresentou ao Malebranche. Nada conhecia de Malebranche e o meu orientador até preferiu que fosse assim. Dizia ele: “– Se você fosse tratar de Galileu, traria para cá todos aqueles preconceitos que aprendeu na física”. Daí, fui estudar este francês.

**Roberto S. Kahlmeyer-Mertens:**

*A parte epistemológica da obra de Malebranche, naturalmente?*

**NT:**

Sim, o pensamento científico deste filósofo. Analisei todo o *De la recherche de la vérité*. No meio da pesquisa, meu orientador morreu e eu terminei a pesquisa sendo orientada pela professora Creusa Capalbo, que você deve conhecer, pois ela trabalha com fenomenologia,<sup>5</sup> que é a sua área.

**RSKM:**

*Sim. Conheci a Creusa. Fui aluno dela na UERJ em 1995.*

**NT:**

Enfim, meu trabalho foi bem aceito. O professor Nilton Sucupira adorou o produto final e acabou sendo meu orientador no doutorado.

Pois bem, com a Creusa o trabalho tomou um rumo um pouco diferente. Minha pesquisa passou a comparar o pensamento científico de Malebranche com o de Comte. Eu buscava mostrar que havia um positivismo metafísico e o positivismo comtiano...

**RSKM:**

*Tese sustentável sem dificuldades, afinal, sabemos que é possível identificar elementos do positivismo, antes mesmo de Comte, em meio aos empiristas ingleses, como Hume. O próprio Comte, olhando para esses autores, os identificaria como integrantes do momento em que a filosofia começava a se pronunciar no mundo em evidente oposição aos estados teológico e metafísico.*

---

<sup>5</sup> A professora Creusa Capalbo, falecida em 2017, ainda era viva na data desta entrevista.

## NT:

Sim, pois eles acabam se mantendo fiéis a princípios básicos de uma epistemologia positiva, isto é, pautada na fatualidade objetiva do fato, ainda que este “fato” esteja impregnado de pressupostos metafísicos. Comte entenderia que, com esses, ainda que metafisicamente, o espírito positivista começava a se pronunciar. Os positivistas, pós-Comte, por sua vez, também tomavam estas premissas por base. Isso não apenas na ciência, quanto nos preceitos morais e políticos. Basta lembrar que, aqui no Brasil, os preceitos de ordem e progresso tiveram grande importância no desenvolvimento das ideias em nosso país. A influência foi tanta que os positivistas colocaram as palavras de ordem desta doutrina até em nossa bandeira!

Aprendi com os positivistas algo que contrastava com (ou complementava) o catolicismo que me formou; a ciência positivista não mais se contentava com as explicações que um Deus dogmático oferecia, até mesmo a fé seria produto da crença na ciência, na razão.

## JFC:

*Quer dizer, mais do que um racionalismo exacerbado, a fórmula “O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim”, presente no Catecismo Positivista, de Comte, expressa um cientismo?*

292

## NT:

Claro. No esquema mental do positivista o progresso dos homens não era dado por Deus, mas é consequência de uma ordem arrazoada, ou seja, seria por meio da ordem estabelecida pela razão que o progresso viria aos homens! O progresso não viria das mãos de Deus.

Encontrei em Comte algo que me ensinou como usar a ciência de maneira proveitosa para o povo. Afinal, Comte não era um filósofo de gabinete. Para quem ele deu aulas? Lecionou para os homens comuns, falava para os trabalhadores! Em uma França que havia passado, relativamente há pouco tempo, pela Revolução francesa e pelas Revoluções industriais, Comte procurava mostrar que o progresso não viria do quadro de anarquia ou desordem que esses eventos teriam desencadeado. Sob um certo evolucionismo, negava qualquer proposta revolucionária, tomando exemplos da física, da química e da astronomia, ele indicava que no cosmos tudo era ordenação, cada planeta possuía seu eixo e sua órbita. Por isso, Comte dava grande crédito aos administradores: ele acreditava que apenas esses homens de mando teriam competência para conduzir o progresso e ainda ensinava aos trabalhadores que era preciso saber acatar e esperar porque este progresso viria, mais cedo ou mais tarde. Pode ser estranho ouvir isso de um discípulo de Saint-Simon, que era um socialista utópico, mas para Comte isso fazia todo sentido.

## ENTREVISTA

○ *imaginário, o simbólico e a educação*

**RSKM:**

*O conservadorismo explícito no positivismo me parece comprometido com uma ordem que tenta se reinstalar depois da refrega da Revolução francesa. Ele não apenas referenda valores como a família e a religião, quanto preza por uma conjuntura político-econômica que criaria condições para estabelecer uma sociedade estável e coesa.*

**NT:**

Não resta dúvida. Comte era monarquista, dedicou suas obras ao imperador! Para ele não seria preciso revoluções para que chegássemos ao progresso: bastava paciência e a ação empreendedora que faria com que as peças se encaixassem! Tanto é que muito de suas ideias sociais são contrárias à *mão invisível*, quer dizer, ele, na primeira metade do século XIX, se opunha ao liberalismo.

**RSKM:**

*Opondo-se ao liberalismo econômico de matriz fisiocrata e ao sociopolítico propugnado pelo iluminismo, Comte me parece muito mais próximo de um Hobbes do que de um Rousseau.*

**NT:**

Exatamente! A balança em uma das mãos e a espada vigilante na outra, como no *Leviatã*. Controle e coerção seriam elementos necessários à contenção que é própria à ordem.

Você pode imaginar o que deram essas ideias positivistas no imaginário dos intelectuais e políticos da recém-criada república brasileira: um total desprezo aos movimentos sociais, abaixo as requisições trabalhistas, abaixo tudo que diz respeito a movimento e a transformação social...

Quando terminei minha dissertação sobre Malebranche-Comte, me vi na obrigação de fazer uma grande síntese de todos os valores que falavam alto em minha formação. Daí, percebi que o cristianismo, o comunismo, a física, a filosofia da natureza... tudo isto (inclusive as ideias de Comte) se complementava. Afinal, eu não sou exclusivamente física, educadora ou política. A única característica que tenho em tempo integral é a de *humana*, e isto requer que eu faça uso de todos os meus aprendizados de maneira integrada. Penso que todos estes conhecimentos aparecem conjugados quando, pensando a educação, preciso da religião, da filosofia e da ciência para uma política educacional mais efetiva, para a promoção de justiça social, para uma melhor qualidade de vida do nosso povo. Trata-se do ideal do bem comum.

**RSKM:**

*Podemos dizer, então, que cristianismo, comunismo, física, são elementos interdisciplinarmente ligados a sua Weltanschauung?*

## NT:

Acrescente-se aí que toda esta cosmovisão não é, em momento algum, dissociada de uma vivência cidadã própria à política. Qualquer vivência sociopolítica precisa estar atrelada a uma dimensão intelectual. Afinal, é este entendimento que nos permite uma interpretação e uma visão mais abrangentes de contextos. Estudei muito Marx e Lênin, mas o mundo hoje gira muito mais rápido, tudo mudou muito e penso que as teorias desses autores ainda nos fornecem subsídios para entender o que ocorre hoje no mundo. Vale a pena acrescentar as contribuições de Slavoj Žižek, um autor que caminha *pari passu* com Lacan, sem desprezar o que Marx nos deixou como “alerta” para os novos tempos. Fico tentando “pescar” daqui, “arranhar” dali e “segurar” o que acontece com a economia da China, com a crise na Grécia... A explicação para esses problemas não é estritamente econômica ou sociológica, claro que não. Não é! Existe ali todo um universo simbólico que precisa ser levado em conta e “costurado” às explicações. Existe o mundo simbólico contra o qual não se pode bater de frente! Toda esta matéria me parece oferecer ocasião muito propícia para que os intelectuais se engajem na tentativa de entender que mundo é este. Quais os novos paradigmas de mudança de mentalidade.

294

## SFC:

*A senhora é reconhecida (ao lado de Demerval Saviani e Gaudêncio Frigotto) como uma das educadoras responsáveis por pensar uma educação para a redemocratização, uma educação cidadã. É isso o que se vê, por exemplo, em seu livro Cidadania: uma questão para a educação. Sabemos que muito desta preocupação se deve ao seu engajamento político e a sua proximidade com o grupo do antigo ISEB.<sup>6</sup> Qual a participação que as ideias cultivadas pelo ISEB tiveram em seu posicionamento político-crítico frente à educação?*

## NT:

Meu contato com a turma do ISEB foi mediado por meu marido, Lysias Magalhães dos Santos, que era um de seus articulistas.

O ISEB era um celeiro das melhores cabeças do país. Imagine só, sob a mesma bandeira ter um Celso Furtado, um Latorre de Farias, um Demerval Trigueiro, uma Moema Toscano, Nelson Werneck Sodré, e tantos outros... os integrantes do ISEB não apenas

---

<sup>6</sup> Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB: Centro de estudos fundado em 14 de julho de 1955 pelo Decreto (nº 37.608) pelo então presidente Café Filho. Foi extinto com o golpe militar de 1964. Instituição cujo propósito era promover debates sobre o desenvolvimento sócio-político-econômico de nosso País. O ISEB era vinculado ao *Ministério da Educação e da Cultura* e se apresentava como um órgão de vanguarda do pensamento desenvolvimentista. Entre os intelectuais isebianos estão Cândido Mendes de Almeida, Hélio Jaguaribe, Nelson Werneck Sodré, Sérgio Buarque de Hollanda e Miguel Reale.



criticavam aspectos negativos da política, mas buscavam pensar concretamente o país sem qualquer tipo de abstracionismo, pensavam e ofereciam propostas e soluções efetivas para o Brasil. E para mim, que era muito jovem, assistir às reuniões do ISEB teve forte influência sobre a formação. Você, afinal, pode imaginar o que era conviver e aprender com Guerreiro Ramos, Ignácio Rangel, Álvaro Vieira Pinto, José Honório Rodrigues, com Josué de Castro e tantos outros. Ouvir suas aulas, seus debates era um despertar para um mundo em construção.

## **RSKM:**

*O Cândido Mendes, que fazia parte do núcleo de sustentação.*

## **NT:**

Sim! Não podemos esquecer-nos dele.

Em resumo, essa gente toda que frequentou o ISEB, e muitos outros que deixamos de mencionar, buscava pensar um novo Brasil. Todos esses nomes estavam envolvidos com este Instituto que tinha em sua pauta problemas como a reforma agrária, a habitação, a educação, a fome...

Após o golpe militar de 1964, alguns intelectuais remanescentes do ISEB organizaram um curso de jornalismo na *Associação Guanabarina de Imprensa – AGI*. Quem pôde fazer este curso teve por mestres o Lysias (foi e ainda é meu grande mestre), lecionando macroeconomia; a Moema, dando sociologia; e o Latorre, que era um intelectual de grande porte... Foi com esses que discutimos questões nacionais, o papel dos intelectuais na sociedade.

## **SFC:**

*A vivência adquirida junto aos articulistas do ISEB de algum modo interferiu na compreensão que a senhora tem de Intelectual? Esta pergunta, no fundo, deseja saber que compreensão Nilda Teves tem de intelectual.*

## **NT:**

Um intelectual comprometido com as classes populares, precisa assumir a responsabilidade de lutar, melhor dizendo, romper com a hegemonia da burguesia. Para tanto seu discurso e suas ações seguem na direção de questionamento da ideologia dominante. A partir daí, poderão ancorar novas bases ideológicas que servirão de suporte à práxis evolucionária. Sem esse percurso, melhor dizendo, sem o esvaziamento da ideologia hegemônica, o *status quo* se reproduz e se fortalece. A construção ideológica do vir a ser da sociedade justa, humana, fraterna precisa efetivar-se na práxis, no cotidiano dos intelectuais orgânicos. Aqueles que atuam nas

Jorge Felipe Columá

Simone Freitas Chaves

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens

Toledo, v. 5, n.º 1 (2022) p. 289-311

trilhas de uma práxis transformadora. Seria ingênuo pensar que a transformação se processa espontaneamente. É importante ressaltar a diferença entre a transformação e re-forma. Enquanto a re-forma diz respeito ao instituído, tornar a formar o já existente, a transformação remete ao sentido de ir muito além das formas dominantes. O foco hegemônico é defender as reformas e combater as transformações sociais. Talvez por isso mesmo Gramsci alerta para o fato de que “os sentimentos das massas” não são suficientes para orientar o processo de transformação da sociedade. Enquanto sentimentos podem ser manipulados pela ideologia hegemônica, defendendo a permanência como um avanço. A superação do instituído demanda aprofundamento das bases que sustentam a organização social. A dialética se faz necessária para a análise histórica. É imprescindível para a organização de um bloco histórico revolucionário. Admito que grande parte dos estudiosos do ISEB caminhava nessa direção. Por isso mesmo a instituição foi abortada pela ditadura militar. Não basta “apedrejar” um determinado governo. O Estado não é um bloco monolítico por si mesmo. Sustenta-se sob diferentes formas da Sociedade Civil.

## JFC:

*Ora tendo estado ao lado da oposição política, enquanto intelectual livre para pensar as ações do poder público frente à sociedade, ora figurando como uma representante do estado, pergunto: quem teria maior chance de promover as transformações necessárias para a educação em nosso país: os intelectuais ou os políticos?*

296

## NT:

Não gosto de trabalhar com o conectivo “ou”. Alguém como Gregório Bezerra era intelectual ou político? É possível fazer essa distinção? Acho que não.

Para responder esta pergunta posso apenas narrar algumas de minhas experiências. Alguém que detém parcela do poder político, logo cedo, descobre que não pode fazer tudo o que deseja, mas que precisa optar por algumas coisas. Daí, este político, quando tem um mínimo de autonomia e se entende com a missão de fazer alguma coisa pelo interesse do povo, escolhe entre um rol de possibilidades, por exemplo, a educação. Sabendo que não se faz nada sozinho em política, geralmente um líder procura se acercar de pessoas que possam lhe ajudar. Isso foi o que aconteceu com Leonel Brizola que, em minha época, tinha ao seu lado Darcy Ribeiro e Maria Yedda Linhares (estes há pouco chegados do exílio, depois dos anos de repressão); foi a convite de Maria Yedda que eu me tornei Diretora Geral do Ensino do Estado do Rio de Janeiro no segundo mandato de Brizola.

Antes mesmo de assumir o cargo, eu sentia que tinha que haver uma mudança seríssima nas mentalidades quando o assunto era cidadania e educação. Estávamos em pleno processo de redemocratização e havia a necessidade de enfrentamento de toda uma cultura política retrógrada. Nossa cultura, mesmo antes da ditadura, herdara um imaginário monárquico, também o imaginário de uma república positivista por



orientação ideológica e todo um imaginário de grupos oligárquicos, e isso impedia que o cidadão visse o político como um representante seu. Isto complica tudo!

Quanto à educação, via que existiam escolas com todos os seus atores: os políticos que mandam, os burocratas que executam as ordens fazendo com que elas se adequem à legislação, os trabalhadores da educação (os educadores, os funcionários) e, sobretudo, aqueles que são usuários da escola, ou seja, a comunidade escolar (a criança, a família...). Isso tudo me levou a constatar – certeza que cultivo até hoje com cinquenta anos de magistério – que não há uma linha direta entre o político e a outra extremidade desta linha onde está a escola, o povo. Daí, todo o esforço por trazer melhorias (entre elas a autonomia da escola) fica prejudicado. Era isso que fazia com que tivéssemos um quadro completamente diferenciado nas escolas daquela época. Durante o tempo que exerci a direção pude identificar escolas que eram bem geridas, para as quais chegavam recursos, e ali havia sucesso; em outros casos, pouco era o sucesso; havia ainda aquelas que eram um desastre total! Nesses casos de deficiência, é quem mais precisa da educação que fica desamparado, fica sem pai nem mãe, o aluno.

Não havia nas políticas públicas de educação, até então, medidas políticas efetivas para reversão desta situação. Eu lembro um personagem da história que (criticando a educação praticada no período da ditadura) retomou ideias que levavam a repensar este quadro, promovendo uma atuação concreta na educação como um todo: Darcy Ribeiro.

Ele tirou ideias puras de sua própria cabeça para fazer isso? Não, não tirou. Darcy contou com o que aprendeu com Anísio Teixeira, com Paulo Freire. Melhor dizendo, com tudo que pode apreender no contato com grandes educadores e na convivência com personalidades do ISEB, instituição que discutia os problemas brasileiros, e um deles era a educação. Este mesmo ISEB, que passou por toda a navalhada da ditadura, só reapareceu em 1982, quando aconteceu a anistia e as pessoas começaram a voltar para o país. Foi a época em que Brizola assumiu.

Em seu primeiro mandato, Brizola ainda tateava, pois ainda não conhecia bem as pessoas de seu governo. Darcy (que já era companheiro de Brizola desde o período do exílio, a ponto de junto com Brizola ter lançado, em Portugal, a pedra fundamental do PDT, no que ficou conhecido como a *Carta de Lisboa*) ofereceu o esteio de que Brizola necessitava; foi ele que lhe disse: “– Olha, vamos tocar as escolas, vamos fazer algo pelas crianças. Mas eu só não quero a coisa como está. Não podemos fazer mais da forma tradicional”. Diante de toda esta mostra de vontade de transformar, o Brizola criou uma outra secretaria que estaria sobre direção do Darcy, e que seria responsável pelo projeto dos CIEPs, além da Secretaria de Educação, dirigida por Maria Yedda Linhares. Isso foi bom? *Foi bom e foi ruim*, pois, por um lado, Darcy queria coisa nova, ele queria um modelo novo, novos professores, nova capacitação, uma escola com outra perspectiva e mentalidade; por outro lado isso criou uma série de impasses políticos e outros tantos ideológicos.

Jorge Felipe Columá

Simone Freitas Chaves

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens

Toledo, v. 5, n.º 1 (2022) p. 289-311

**JFC:**

*Como assim?*

**NT:**

Explico. Não se passa do velho para o novo de uma vez só! Não se desliza de uma cultura para outra do dia para a noite. Não bastasse isso, houve algumas gafes muito sérias acarretadas pela maneira com a qual o imaginário do projeto dos CIEPs foi apresentado. Meu querido amigo Darcy disse na televisão que os CIEPs iriam resolver o problema dos “trombadinhas”, que estes pequenos infratores, em vez de ficar fazendo seus delitos na rua, ficariam cevadinhos feito porquinhos no CIEP. Com um comentário como este, ele estigmatizou de saída o projeto. Embora tivesse sido antropólogo, Darcy Ribeiro desconsiderou o imaginário social ao fazer esses comentários infelizes com desdobramentos terríveis. Passamos a ter que catar alunos das escolas tradicionais para colocar nos CIEPs; afinal, muitas pessoas não queriam matricular seus filhos em escolas que seriam para “trombadinhas”! Essa falha no discurso prejudicou, de saída, a imagem dos CIEPs.

Vimos, então, que mesmo um projeto revolucionário como este ainda não foi responsável por alterar aquela velha ordem. Tudo continuou tal e qual, ou, talvez tenhamos radicalizado alguns pontos: alguns CIEPs funcionaram muito bem, outros fracassaram e outros, ainda, se tornaram o reduto da miséria! Ora, se você quer cooptar o povo, não acene com a miséria, pois ninguém quer ser ou parecer miserável.

298

**JFC:**

*Nem o miserável.*

**NT:**

Nem o miserável! (risos) O projeto dos CIEPs não preparou o imaginário do seu público-alvo para a inovação que ele trazia. Um exemplo: eu me lembro de ter participado de uma banca de doutorado em educação que tratava da imagem das escolas a partir de sua aparência arquitetônica. O pesquisador fez fotos de diversas escolas do estado e, apresentando-as, buscava ouvir das pessoas que impressão estas tinham das imagens das escolas. A grande maioria das pessoas apontava como boas escolas aquelas que tinham o aspecto austero, em sua grande maioria as escolas religiosas. Por quê? Os prédios das escolas religiosas tradicionais têm seu acesso por meio de escadarias, possuem janelas amplas... É o simbólico do imaginário brasileiro indicando que a educação boa é aquela que se confunde com a tradição. As melhores escolas, em sua topofilia, seriam aquelas cujos prédios se confundiam com uma sobriedade quase austera. Os degraus da escola seriam o indicativo da elevação que a educação deveria promover, de um regime ascensional, de uma ascense que se

confundiria com o imaginário da escola. Uma ascese, a mesma ascese da religião que eleva o homem! A imagem e as ideias veiculadas aos CIEPs não combinavam com o imaginário que o povo tinha de uma educação confiável.

**JFC:**

*A senhora foi contra o projeto dos CIEPs?*

**NT:**

Não! De modo algum! Eu tive a chance de participar de programas políticos comprometidos com os melhores ideais da educação. Este projeto de Darcy seria maravilhoso se não houvesse todo um movimento contrário a ele; Darcy fez o que pôde revivendo os personagens que ele conheceu, gente como o Anísio Teixeira...

**SFC:** *Neste ponto a influência da Escola Parque de Anísio Teixeira pode ser identificada na gênese do projeto dos CIEPs. Anísio, que convivera com as ideias do pragmatismo norte-americano, especialmente com John Dewey, bebeu muito desta fonte para idealizar os CIEPs.*

**NT:**

Claro, claro! Isso porque as ideias básicas de uma educação formada para formar permeavam o trabalho das melhores escolas. A base da Escola Nova é o pragmatismo, e o pragmatismo não se joga fora! Tanto é que a orientação da educação revolucionária da URSS de Lênin não se distanciava do pragmatismo de Dewey!

**RSKM:**

*A senhora insinua que Dewey é quem embasava a educação revolucionária, mais do que os nomes da pedagogia socialista: Blonsky, Kalashnikov, Pistrack, Pinkevich...*

**NT:**

Ora, a educação revolucionária era uma educação prática! Lênin não poderia desprezar os aspectos pragmáticos da escola nova. Ou você acha que a URSS, que era a bem dizer feudal, conseguiria o progresso tecnológico que conseguiu sem o apoio desta doutrina!? Não haveria revolução tampouco progresso sem uma orientação pragmática para o trabalho.

**SFC:**

*Quando a senhora toma a tecnologia como índice para o desenvolvimento sociocultural de um povo, eu penso ouvir mais a Secretária de Ciência e Tecnologia do que a educadora.*

**NT:**

Na verdade, você ouve as duas, pois uma não está dissociada da outra (risos).

**JFC:**

*Cara professora Nilda, todos sabemos que a senhora foi, em 1997, a criadora da FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica). Em seu entendimento, este seria um exemplo do que o poder público pode fazer em favor da educação não apenas em âmbito técnico, mas também pela cidadania?*

**NT:**

Falar da criação da FAETEC requer que eu apresente primeiro um empreendimento anterior que está na sua base, a *República dos meninos*. Pode ser?

**JFC:**

*Claro, professora!*

**NT:**

Pois bem, durante o tempo em que fui Diretora Geral de ensino do *Estado*, Nilo Batista, então Vice-Governador de Brizola, me chamou em seu gabinete e me disse assim: “– *Profa. Nilda, eu quero tirar os meninos da rua. Por favor, tente providenciar um projeto para tal.*” Eu nunca havia escrito um projeto como este! Eu só dava aulas; em tese, eu não sabia nem por onde começar. Daí, eu fui à Cinelândia “conhecer” os meninos e os atores que trabalhavam com eles. Depois de alguns dias convidei “quatro educadores de rua”, se posso falar assim, e quatro professores de escola para discutirmos a possibilidade de educarmos ou reeducarmos meninos e meninas moradores de rua. Foram essas pessoas, com seus conhecimentos e práticas que elaboraram um projeto que atendesse aquela população. Muito do projeto que surgiu a partir dali veio deles. Claro, eu ajudei, mas o projeto foi de autoria deles, eles é que deram sangue ao projeto. A base do projeto eram as ideias de Paulo Freire (autor que eu trabalhava em sala mesmo na época da repressão). Entretanto, eu ressaltava que talvez Freire não fosse o autor mais adequado para se trabalhar com aquelas crianças. O Método de Paulo Freire, como ele mesmo indica, é um método de educação para adultos! Para lidar com os meninos de rua, muito mais adequado seria Makarenko e Krupskaja...

**JFC:**

*Teóricos ao lado dos quais ainda poderíamos acrescentar os nomes de Pistrack e Freinet, que representariam o que havia de mais arrojado na dita Escola Nova.*

## NT:

Bem lembrado! Todos estes eram “escolanovistas” e seriam mais adequados ao nosso público do que o próprio Freire. Por fim, a educação para o trabalho, de Freinet, acabou dando a tônica do projeto.

Ao final da redação, a Maria Yedda Linhares leu, gostou, aprovou e publicou no *Diário Oficial*; depois, ela virou para mim e falou assim: “– Agora, para a fase de execução, será preciso ver com Darcy...”. Eu fui ao Darcy. Na época ele era Secretário e Vice-Governador de Brizola; era ele que teria que dar o aval final. Fui à casa de Darcy Ribeiro para conversar com ele sobre a execução do projeto (éramos amigos e ele me recebeu em casa mesmo). O projeto, ele olhou e disse: “– Nilda, a sua cabeça só funciona para a educação infantil!”. Eu contra-argUMENTEI, reforçando que se tratava de um público sem formação, que não teve socialização primária, que compartilhava com outros códigos culturais, que era talvez a terceira geração de crianças nascidas e criadas na rua... Daí o Darcy me perguntou: “– E quantos meninos este projeto assistiria?” Eu disse que entre trinta e quarenta, para que pudéssemos dar um acompanhamento de perto e descrevi para ele todas as medidas pedagógicas que utilizaríamos. Pensávamos em fazer algo que seria uma república na qual os meninos teriam uma visão participativa, cada qual teria um quarto com sua cama, podendo ter sua privacidade... Foi quando o Darcy me disse assim: “– Nilda, minha amiga, enquanto você faz isso com 30, eu terei 500 CIEPs que colocarão todos os menores abandonados do estado na escola, com todo o apoio pedagógico, com ‘mães sociais’ etc., etc., etc.”

## SFC:

*Havia no projeto dos CIEPs a nítida insuficiência para promover uma ressocialização e um desenvolvimento em massa. A meu ver, eram os mesmos riscos que o ensino monitoral inglês possuía ao submeter os alunos a uma superestrutura escolar e, no fundo, auferir uma subinstrução, ou ainda, um ensino deficiente.*

## NT:

Exatamente, e isso nós não queríamos. O projeto da *República dos Meninos* dava às crianças uma casa, pois um lar é uma referência muito forte quando se trata de formar um indivíduo. Em uma educação que conta com os recursos do imaginário, é preciso estes tipos de referências, e eu me pauto muito na referência da casa. Tem, inclusive, um autor que trabalha muito bem com a questão da unirreferência.

## RSKM:

*Não seria o Erving Goffman?*

**NT:**

Sim! Ele mesmo! Retornando ao ponto e encurtando a história: Darcy não aprovou o projeto. Darcy era genial, mas não era educador de formação... Ele não entendia certas coisas... Ele até tinha uma visão meio simplória de alguns problemas. Veja você, depois de ter dito não ao projeto, ele foi me levar até o elevador e, ali, eu disse que lamentava e perguntei a ele como o projeto dos CIEPs lidaria com a droga, com a cola (ainda não havia o “crack” e o tóxico que circulava entre os meninos era a cola de sapateiro). Darcy arregalou os olhos (eu acho que ele não estava esperando esta pergunta) e me disse: “– A cola? Muito simples, misturamos bosta nela de modo à cola ter um cheiro que eles não vão aguentar”. Imagine só, acrescentar esterco na composição da cola industrial para combater seu uso entorpecente! Só mesmo o Darcy! (risos). No dia seguinte, cheguei a minha sala, bati um ofício me desligando da função. Fui-me embora.

**JFC:**

*Nesta época que cargo a senhora ocupava, quero dizer, de que cargo a senhora se desligou?*

**NT:**

Era Secretária Geral de Estado.

302

**SFC:** *A senhora foi a primeira mulher a exercer este cargo, não foi?*

**NT:**

Não saberia dizer. Eu fui, sim, no governo Marcelo Alencar (1995-1999), a primeira Secretária de Ciência e Tecnologia.

**RSKM:**

*E o Darcy Ribeiro levou a sério a ideia de colocar substâncias fétidas na composição da cola de sapatos. Assisti há algum tempo a um documentário no qual ele dizia ter muito orgulho de o Senado ter aprovado esta lei que ele reputava “uma leizinha linda”.*

**NT:**

Pois é... ele levou a coisa a sério e, posteriormente, enquanto senador, conseguiu desenvolver e aprovar tal lei que viabilizava a ideia “genial”. Consequência disso: logo depois, pediu audiência a ele um grupo de empresários do ramo de calçados: eram fabricantes de sapatos que exportavam para a Itália. Eles trouxeram de presente para Darcy um par de sapatos lindo, caríssimo! Quando abriram propositalmente a caixa, os solados fediam terrivelmente. Só aí o Darcy entendeu o que fez!

**SFC:**



*Ouvindo essas histórias e outras tantas, nota-se que havia diferenças entre você e o colega Darcy Ribeiro. Estas diferenças eram ideológicas... Era uma relação de amor e ódio?*

**NT:**

Nunca! Tínhamos diferenças quanto aos modos de execução, mas compartilhávamos basicamente da mesma ideologia. Darcy era mais idealista, era um antropólogo, ele “voava” um pouco mais do que eu... Por causa de minha formação nas ciências exatas, eu acabava sendo mais pé no chão do que Darcy. Vou lhe dar um exemplo: quando fui Secretária de Ciência e Tecnologia do Estado me caiu no colo a *Universidade do Norte Fluminense – UENF*, que Darcy brilhantemente idealizou e criou. Pois sobrou para a velha Nilda a regularização de tudo. Darcy era assim, uma inteligência que parecia saltar de pico em pico, e deixando que nós preenchêssemos as lacunas que ele deixava para trás por não ter paciência para essas coisas menores.

**SFC:**

*Retomando o fio da meada, o que aconteceu depois de seu desligamento?*

**NT:**

Na época em que me desliguei da Secretaria de Educação do Estado, o então prefeito do Rio de Janeiro Marcelo Alencar, sensibilizado pelo assunto – mandou um de seus secretários procurar-me e tomar conhecimento de que projeto se tratava. No dia seguinte a Profa. Célia Alencar, sua esposa, telefonou-me para dizer que o prefeito desejava falar comigo. Logo de saída vi na expressão daquele homem traços de alguém comprometido com a educação do nosso povo. Não era de estranhar quando fiquei sabendo sua origem: filho de mãe professora e marido de professora também. Duas mulheres afirmavam em seu coração o valor da educação. Enfim, apelos daquelas mulheres tão importantes para ele estavam em seu sangue. A partir daquele momento nosso contato era mediado por sua esposa – Célia Alencar. Parceiras dos mesmos ideais, nos encontramos e eu lhe apresentei um novo projeto. Quando entrei na sala do Marcelo Alencar, ele perguntou logo o que eu desejava fazer. Disse-lhe que era uma república de meninos de rua e expliquei-lhe como funcionaria. Nosso Prefeito sorriu e disse: já gostei do título, República. Perguntou logo em seguida o que faltava, e eu lhe disse que precisava de uma casa que ficasse nas proximidades da Praça Saens Peña para que eu pudesse trabalhar com os meninos que ficavam no chafariz; ele passou a mão no telefone, chamou o encarregado de obras e mandou providenciar a casa, na mesma hora.

Com a casa em mãos, nós fizemos reformas, trabalhamos toda a arquitetura segundo as ideias de Freinet, quer dizer o espaço de aprendizagem interno e externo, os

Jorge Felipe Columá

Simone Freitas Chaves

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens

Toledo, v. 5, n.º 1 (2022) p. 289-311

cantinhos de aprendizagens etc... Estava a serviço dos alunos o que havia de melhor das teorias e das práticas pedagógicas conhecidas. Isso era mostrar que não se tratava apenas de interesses particulares e sim mostrar que vontade política deve materializar-se em práticas de interesse do povo. Assim foi a República.

## **JFC:**

*Como era a República?*

## **NT:**

Era uma casa com quartos em que cada criança tinha seu cantinho, seus armários, suas coisinhas. Eles mesmos se reuniam, todos, em uma espécie de conselho e deliberavam o que valia e o que não valia na casa. Por exemplo, na casa não se podia cheirar cola, não se podia beber e se na rua se fizesse isso, que se ficasse na rua, pois na casa não entraria. Os meninos eram severíssimos, por orientação deles mesmos. Houve uma vez que um deles chegou da rua drogado e acabou punido tendo que dormir na varanda por uma semana. O grupo determinou isso em comum acordo. O menino que errou aprendeu que deveria se adequar a partir dos códigos que eles mesmos criaram para o funcionamento da casa.

Claro, nós, os educadores, estávamos sempre atentos (eu mesma estava sempre lá), mas não interferíamos na saudável autonomia deles. Eles tinham seus códigos e o código da rua por opção deles não podia entrar na casa. Mas na República não havia apenas a autodisciplina; havia solidariedade, cada um cuidava do outro, os mais velhos cuidavam dos menores, não deixavam mexer com as adolescentes... Existia uma vivência cidadã em construção e o projeto foi tão bem sucedido que o Dr. Marcelo, quando foi eleito governador do Estado, pensou em estender a experiência que tivemos na prefeitura.

304

## **SFC:**

*Como foi essa nova etapa?*

## **NT:**

Assim que o Dr. Marcelo Alencar se elegeu governador, ele reuniu a equipe que trabalhou na transição e foi visitar uma área em Quintino. Tratava-se de continuar ou romper com o processo de estadualização de alguns equipamentos sociais, redutos do Governo. Naquele momento tratava-se de uma área que historicamente sofrera grandes transformações; uma delas foi a FUNABEM, instituição que possuía, por décadas, o estigma de centro correcional para menores. Fizemos uma visita: era uma área ampla, cerca de um milhão de metros quadrados. Quando saímos de lá, dentro do carro, Dr. Marcelo Alencar me perguntou assim: “- Teves (ele me chamava de Teves), o que você achou?”, e eu lhe disse que aquela obra poderia ser o cartão de visitas

de seu governo. Ao dizer isso, todas as pessoas que estavam no carro caíram na risada. A única que não riu foi a Célia Alencar, que, num gesto de cumplicidade, piscou para mim.

Poucos meses depois, estávamos trabalhando; depois de conquistar os servidores que estavam acostumados ao antigo regime, passamos às obras de adaptações dos prédios e instalações de acordo com o nosso propósito. Pretendíamos edificar ali, o que se chamou CEI, *Centro de Educação Integral*. Tínhamos um grande desafio pela frente, pois todo aquele lugar possuía um imaginário muito negativo... Era sombrio, possuía muros e portões altos como uma casa de custódia, tinha árvores com os galhos despencados, chorosos... Para você ter ideia, as pessoas evitavam passar na rua em que ficavam os prédios; as mães aconselhavam seus filhos a evitar a vizinhança. Todo o lugar possuía o imaginário da morte.

Uma de minhas primeiras medidas foi mandar podar as árvores, para fazer que a luminosidade penetrasse no local; depois, combati uma arquitetura que expressava um imaginário de opressão: solicitamos que fosse reduzida a altura dos muros, diminuídos os portões, as grades da entrada (tenho até fotos deles cortando aquele portão enorme, que mais parecia portão de cemitério). Quando determinamos que fossem realizadas aquelas mudanças, um agente me interpelou: “– *Mas professora, se cortar o portão os meninos vão fugir!*” Mantive a ordem e disse-lhe que, depois das mudanças que estávamos promovendo, as pessoas não queriam mais sair daquele local, mas, ao contrário, desejariam entrar. E foi exatamente isso que aconteceu! Quando abrimos matrículas para o CEI, havia fila de gente para colocar os filhos ali. Precisei, contudo, fazer um trabalho radical! Imagine você que, no prédio da instituição que, no passado, buscava promover o bem-estar do menor, havia mais gavetas refrigeradas para cadáveres do que espaços de construção do conhecimento; ainda havia nos porões correntes e grilhões nos quais os meninos eram aprisionados: ficavam lá, de pé! Mandei pôr tudo abaixo. Daí, vieram falar comigo: “– *Mas professora, como é que se vai derrubar isso, esses porões são históricos*”. Então, eu disse a eles que aquela história nós conhecíamos muito bem e que já estava na hora de acertar as contas com ela escrevendo um novo futuro, e derrubamos tudo!

## **RSKM:**

*Um comportamento de vanguarda! Lembrou-me aquele lema do Manifesto Futurista: “Abaixo o luar”!*

## **NT:**

Mas não poderia ser outro! Como poderíamos transformar aquele local conservando as suas estruturas esclerosadas que nos condicionavam e nos oprimiam? Mesmo assim

todos os equipamentos sociais que lá existiam foram reaproveitados: da padaria ao teatro.

## **SFC:**

*Depois que se tornou CEI qual era o público assistido?*

## **NT:**

O *Centro de Educação Integral* assistia entre crianças e jovens carentes desde a creche até o curso profissionalizante. Muitas crianças trazidas da rua. A polícia vivia me trazendo crianças achadas em situação de risco. Traziam para mim, pois sabiam que ali elas ficariam bem... Por exemplo, uma vez um casal de moradores de rua brigou, a mãe foi embora e deixou o bebê com o pai. O pai, bêbado, colocou fogo nos poucos pertences que tinham e a criança ficou sob uns papelões em chamas. Resultado: a menina teve uma queimadura na perna que fez com que a perna aderisse à coxa. Esta criança chegou ao CEI, ficou conosco algumas semanas. Não demorou muito, nós ligamos para a equipe de cirurgiões plásticos que trabalham com o Ivo Pitanguí e eles restauraram sua perninha. Lembro-me que esta menina acabou sendo adotada por uma de nossas funcionárias.

Num outro caso, lembro-me bem, o policial chegou às lágrimas me trazendo uma criança. Segundo este policial, um morador de rua havia passado em um terreno baldio e visto uma moradora de rua conhecida dele recostada a uma árvore dando de mamar a seu bebê. Como ela estava amamentando, ele não quis se chegar. Dois dias depois, o mesmo morador de rua voltou ao local e encontrou a mãe na mesma posição com a criança, no colo, aos prantos. Muito provavelmente a moça teve uma embolia pulmonar, morreu ali e a criança viveu aqueles dois dias mamando aquele soro morbo da mãe defunta... Imagine só! (pausa).

Era este o público que o CEI atendia. Com o desenvolvimento das escolas e do ensino profissionalizante, os técnicos da instituição chegaram à conclusão que não era possível atender cerca de 4000 alunos e manter os moradores. Tratava-se de uma decisão bastante radical. Ficaria a cargo da *FIA – Fundação para Infância e Adolescência* a moradia e o CEI ficaria com a educação, inclusive para os moradores. Rompia-se assim a ideia de unireferência, pois a criança moraria em outros locais e iria à escola como outra criança qualquer. O CEI tornou-se um projeto bem sucedido a tal ponto que abriu espaço para agregar-se com as escolas técnicas.

## **JFC:**

*O CEI acaba sendo um protótipo para aquilo que posteriormente seria a FAETEC, não é?*

## **NT:**

## **ENTREVISTA**

○ *imaginário, o simbólico e a educação*

Sim. Poderíamos dizer que o CEI é o projeto piloto da FAETEC, mas, para este segundo momento, muita coisa ainda precisou acontecer.

Foi o Luiz Paulo Corrêa da Rocha, na época deputado estadual, que pegou a *Fundação de Amparo ao Ensino e a Pesquisa – FAEP* (instituição que havia sido criada em 1982 com o propósito de apoiar o projeto dos CIEPs do Darcy) e que propôs que ela fosse transformada em *Fundação de Apoio à Escola Técnica – FAETEC*. Quer dizer: a FAEP já chegou para mim meio FAETEC.

## **RSKM:**

*Não entendo. Houve, então, uma fusão do CEI com a FAETEC?*

## **NT:**

Não. Como disse, o CEI era um projeto piloto. A FAETEC assumiu este projeto e, a partir do sucesso dele, criou condições para que ele expandisse e se modernizasse, valendo-se do aparato que as escolas técnicas trouxeram. Dizendo de modo claro: a constatação por parte do governo do sucesso do CEI e a necessidade de se dar uma direção à FAEP, fizeram com que a FAETEC fosse criada, já ancorada no CEI. E, diga-se de passagem, com a mesma saúde do CEI. É preciso ressaltar a excelência do ensino que implantamos ali (ou melhor, que *criamos* ali, até porque ninguém faz nada sozinho). Na ocasião, com apenas dois anos de funcionamento, o CEI foi reconhecido como um dos melhores colégios do estado – No *ranking* das escolas – inclusive públicas e privadas, ficou em décimo lugar. No ano seguinte, ou seja, com três anos de funcionamento, conseguiu o segundo lugar, perdendo apenas para o Colégio Pedro II. Era uma vitória mostrar que a escola pública, gratuita, para qualquer criança pode ser de excelência.

## **JFC:**

*A que a senhora atribui este êxito?*

## **NT:**

Ao fato da escola contar com o que havia de melhor. Aos nossos alunos, o melhor! Geralmente a escola tradicional pede esmolas; nós estabelecíamos parcerias. Não nos contentávamos com pouco, sempre que trabalhávamos com a iniciativa privada nós tentávamos fazer propostas inteligentes que serviriam aos nossos interesses e que pudessem ser vantajosas aos empresários. Aquele ensino não poderia se conformar em viver com migalhas; por isso equipamos tudo com recursos físicos de primeira, pretendíamos tecnologia de alto nível, “material” humano capacitado a oferecer apoio pedagógico. Naquela escola técnica, os alunos não apenas aprendiam ofícios, mas

Jorge Felipe Columá

Simone Freitas Chaves

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens

Toledo, v. 5, n.º 1 (2022) p. 289-311

também as artes, daí entrar a música, a dança, o teatro, a capoeira... Em resumo, na escola técnica não poderia haver só o técnico, se tínhamos o interesse de formar um cidadão integral.

Quanto aos aspectos ideológicos da gestão, pensava que a FAETEC seria uma instituição para ser conduzida com os pés no chão e o olhar no horizonte... Tentávamos conduzir aquela casa orientando-a por uma visão humana e humanística. E isso é coisa muito séria... O ensino era técnico, mas não apenas para que nossos alunos tivessem uma situação na vida; educávamos ali entendendo que a educação era a própria vida. Ou é assim, ou não se pode falar em educação integral!

## SFC:

*Retomando aspectos de sua formação, agora conhecendo toda esta sua história com projetos sociais e educacionais, pergunto: como teria entrado em sua vida acadêmica o campo dos imaginários sociais?*

## NT:

Trabalho com o discurso do imaginário há vinte e dois anos. As primeiras leituras que eu fiz sobre o tema corriam por fora da orientação que eu tenho hoje; eram leituras de Foucault, especialmente a *Microfísica do poder* e *Vigiar e Punir*. Este segundo livro eu cheguei a usar em sala de aula com minhas crianças. Lá quando ele diz: “Eis como ainda no início do século XVII se descrevia a figura ideal do soldado.”, eu peguei esta frase e dei uma reformulada, ela ficava assim: *Eis como ainda de longe eu via a figura do...* E o aluno completava a frase e depois nós problematizávamos o que foi enunciado. Este exercício seria para mostrar que somos nós que construímos nosso corpo e que algumas instituições têm participação na formação do corpo do outro. Mesmo nós construímos o corpo do outro, como? Na minha percepção, na minha imaginação... Pois há marcas no corpo que permitem estas apreensões. O corpo tem fisionomia, tem discurso, tem indumentária... Assim, quando se tira um camponês da gleba para fazer dele um soldado, você é obrigado a alterar todas essas marcas; o mesmo ocorre com o menino que você quer tirar da rua e transformar, por meio da educação, num cidadão. Não bastasse todo um trabalho de formação dos corpos, há também um trabalho de motivação com o qual você lida com o imaginário. Quando um instrutor militar diz: “- Hoje você é camponês, mas você poderia ser sargento.”; quando um educador diz para um menino da rua que existe um futuro a ser projetado, o que não é começa a se conformar de modo a se tornar realidade um dia!

Esta passagem do sonho para o concreto é onde trafega o imaginário, é o mundo do imaginário! O estudo do imaginário, assim, prevê todo um trabalho de observação e análise, de produção de imagem... Tive que estudar muito a *Psicologia da Gestalt*... Estudei muito Pierre Ansart, que nos fornece um tripé importante que é mito-religião-ideologia. Este, numa linha diversa da de Jung, nos permite entender como existe o deslocamento da religião para a ideologia. Embora respeite muito a linha junguiana, eu trabalho pela linha freudiano-lacaniana. Embora, naturalmente, conheça bem a



linha freudiano-junguiana. Lembro-me que certa vez nós recebemos o Gilbert Durand lá na UFRJ e uma aluna minha, depois da conferência, perguntou para ele pra que serviria o imaginário. A resposta dele foi a seguinte: “– Para suportar o real”. Esta frase foi dita dentro da UFRJ e não houve registro disso! Julgo oportuno registrá-la aqui, pois há algo de muito certo nisso, a realidade é pesadíssima, e se não a significarmos e ressignificarmos com o imaginário a vida fica insuportável, intolerável! O que o real concreto me submete, o imaginário me ajuda a escapar. O imaginário torna a realidade palatável.

## **RSKM:**

*Adeptos de vertentes teóricas mais ortodoxas (alguns linguistas, por exemplo) implicam com a legitimidade científica do discurso do imaginário. Pelo fato de muito deste discurso não se valer de critérios estabelecidos a priori, mas orientar-se por marcos descobertos ao longo do próprio discurso (e nas circunstâncias em que um determinado fenômeno do imaginário é abordado), os críticos da temática do imaginário acusam tal análise de se ocupar não do real, mas do provável, do conjectural. Como se o imaginário não fosse efetivo, não existisse...*

## **NT:**

Ora, mas claro que existe! Ele acontece para mim (num primeiro momento é *realidade psíquica*, como diria Freud) e, em alguns casos, pode ser reconhecido pelo meu outro (é *coletivo*, como teria assinalado Jung)! Ele transforma significativamente meu mundo, por mais etéreo que pareça ele ganha concretude. Tomemos um exemplo: o imaginário das hordas gentílicas primitivas que permeia a ideia do socialismo proposto por Marx e Engels, não demorou muito para que isso ganhasse concretude com a revolução bolchevique, não é mesmo? Como, então, não teria efetividade!?

## **RSKM:**

*Se bem entendi (indo uma vez mais a Marx), acho que poderíamos explicar essa relação parodiando aquele axioma deste filósofo alemão: “tudo que é sólido desmancha no ar”. No caso do imaginário (quer dizer, fora do contexto ideológico específico da frase marxista), poderíamos dizer que: o que é imaginário se concretiza no mundo.*

## **NT:**

(Pausa) O que você acabou de formular, em linguagem metafórica, tem todo o jeito de uma “lei” do imaginário! Pois é isso mesmo, o imaginário é o psíquico que se realiza concretamente, numa concretude significativa. E para aprender a lidar com os campos significativos que se abrem desde aí, o estudo do imaginário se serve da psicologia, da semiótica, da semântica... Está tudo ali. Mas o ramo do discurso do imaginário que eu escolhi seguir foi o da Eni Puccinelli Orlandi.

## JFC:

*E como a senhora conheceu o trabalho da Eni Puccinelli?*

## NT:

Foi quando eu lecionava na UFRJ. Estavam fazendo mudanças curriculares, criaram um curso de filosofia e cismaram que quem iria dar o curso era eu. Daí, escrevemos um projeto pedagógico. Este projeto foi cotado para os cursos de pós-graduação *strictu sensu* que desejávamos implantar. Um belo dia, Affonso Romano de Sant'Anna, o poeta, que na época era ligado a um desses órgãos de fomento, foi visitar a UFRJ e acabou folheando os projetos. Quando ele se deparou com o nosso, pousou a mão sobre ele e disse assim: “- *Este eu patrocino.*” Com o apoio oferecido por ele, nós tivemos condições de tocar o projeto, inclusive, chamando a Eni Puccinelli para nos oferecer cursos de capacitação. Ela vinha de Campinas para dar aulas de análise do discurso e foi assim que eu a conheci. Acabamos amigas, organizamos revistas etc... Com a Eni Puccinelli eu fui aprender os rudimentos da análise do discurso e, a partir daí, lendo Ansart, Baudrillard, Eliade, Maffesoli... Eu comecei a desenvolver outras potencialidades do discurso simbólico. Hoje, eu trabalho com a análise do discurso, mas não apenas o falado ou o escrito. Acabei estendendo a coisa para o visual, para o musical etc. Trabalho com imagens. Adoro!

310

## SFC:

*O discurso do imaginário nos permitiria pensar um modelo de intelectual?*

## NT:

Julgo que ele contribuiria na práxis intelectual, pois ele ajuda a mostrar que em qualquer dimensão humana o imaginário está presente. Foi-se a época em que se acreditava que o intelectual era apenas um ser intelectual criado em circunstâncias históricas marcadas pelo apogeu do racionalismo; todos sabemos que faculdades racionais como o entendimento e o raciocínio não dão conta de explicar a realidade complexa que somos. O homem é um ser que imagina e que vive imenso nesta imaginação que diz respeito a ele e à coletividade. Na tentativa de pensar a realidade humana, portanto, não há como deixar de fora a dimensão do imaginário. Melhor dizendo: não podemos esquecer que o homem é o único animal simbólico, como diz Ernst Cassirer

## JFC:

*Conjugando a política, a educação, a ciência e a tecnologia, sua religiosidade e toda esta conversa com o imaginário, qual, em sua avaliação, terá sido o saldo de Nilda Teves?*

## ENTREVISTA

○ imaginário, o simbólico e a educação

**NT:**

(Pausa) Quem viver verá... (risos) Mas acho que posso dizer de boca cheia que, mesmo que nem todas as ideias tenham dado certo, que mesmo que algumas pessoas não tenham gostado das coisas que pensei e profissionalmente fiz... Posso dizer que estou feliz com tudo. Se “a vela apagasse” hoje, o saldo teria sido positivo, pois deixo as crianças que ajudei a formar (noutro dia, cheguei numa estação de petróleo em Macaé e um supervisor, egresso do projeto da *República dos meninos*, veio me cumprimentar), eu deixo meus livros, eu deixo vocês, que são meus herdeiros... Importa dizer que tudo que fiz foi pautado no princípio que a prática é o critério de verdade. Continuo uma cristã-marxista. Nada do que me meti a fazer foi feito sem convicção e emoção; foi tudo concreto.

**SFC:**

*Nesta sua última fala parece transparecer aquela utopia necessária que a senhora alude em seu livro Cidadania: uma questão para a educação, quando diz: “Aquele que esqueceu suas utopias, sufocou suas paixões e perdeu a capacidade de se indignar diante de toda e qualquer injustiça social não é um cidadão, mas também não é um marginal. É apenas um nada que a tudo nadifica.”*

**NT:**

Sim. É deste sentimento utópico que eu falo. E continuo endossando a passagem do meu livro que você acabou de ler.

Submetido: 17 de janeiro de 2022

Aceito: 27 de janeiro de 2022